



FALLEN
STARS

IMANI ERRIU

ESTRELAS CAÍDAS

Corpos Celestiais 02

por Imani Erriu

ESTRELAS CAÍDAS

Copyright © 2022 por Imani Erriu

Todos os direitos reservados.

Este livro é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais, é mera coincidência. Esta obra, ou qualquer parte dela, não pode ser reproduzida de qualquer forma, ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, ou usada de qualquer maneira, sem a permissão expressa por escrito do autor, exceto para uso de breves citações em resenhas de livros.

Design da capa por Lucy Melrose

Mapa de Lucy Melrose

Formatação por Imagine Ink Designs

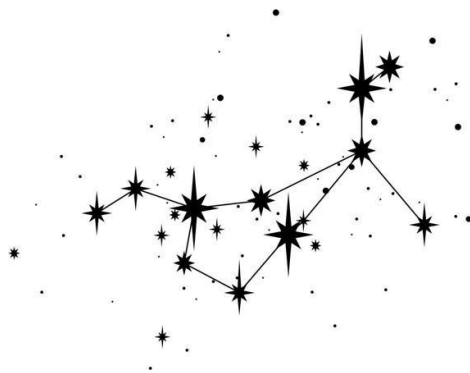
Editado por Damoro Design

*À mamãe e ao papai, por me educarem nos contos de fadas e
por acreditarem que um dia eu poderia escrever os meus
próprios.*



Nota do autor

'Fallen Stars' é um romance de fantasia para adultos, que contém assuntos que podem ser difíceis para alguns leitores. Apresenta violência gráfica, palavrões, cenas de sexo (incluindo brincadeiras de sangue) e abuso de animais.



As estrelas

Ariete (*Ah-ree-ett*) — Estrela Padroeira de **Perses**

Deus da ira, da guerra, do caos e dos vulcões. Outros nomes: '*o tirano*'

Torra (*Tor-a*) — Estrela Padroeira de **Afrodeia**

Deusa da luxúria, encanto, prazeres terrenos e adultério. Outros nomes: '*a sedutora*'

Gem (falecida) e Eli (*Jem & Ee-lie*) — Estrelas Patronas de **Castor**

Deus dos enigmas, da astúcia e do conhecimento; Deusa do despeito e da malandragem. Outros nomes: '*a língua prateada*'

Cancia (*Can-see-a*) — Estrela Padroeira de **Altalune**

Deusa da dor, das emoções e dos lagos. Outros nomes: '*a deusa chorosa*'

Leone (*Ley-on*) — Estrela Patrona de **Helios**

Deus do orgulho, das artes, da profecia e da Luz. Outros nomes: '*o reverenciado Lord Light*'

Verra (*Veh-ra*) — Estrela Padroeira do **Verde**

Deusa da fertilidade, do casamento e da decadência. Outros nomes: '*a virgem*'

Lias (*mentira como*) — Estrela Padroeira da **Concórdia**

Deus de amor, justiça e mentiras. Outros nomes: '*a bela mentirosa*'

Scorpius (*Scorp-ee-us*) — Estrela Padroeira de **Netuna**

Deus da inveja, dos oceanos e dos venenos. Outros nomes: '*o impiedoso*'

Sagittion (*Saj-i-ton*) — Estrela Patrona do **Kaos**

Deus do vinho, da loucura e do êxtase. Outros nomes: '*o folião*'

Capri (*Cap-ree*) — Estrela Patrona das **Areias do Pecador**

Deus da ganância, do dinheiro e dos comerciantes. Outros nomes: '*o diabo*'

Aquaria (*Ah-quer-ee-a*) — Estrela Padroeira de **Sveta**

Deusa do infortúnio e do gelo. Outros nomes: '*nossa abençoada Senhora*'

Piscea (*Pie-see-a*) — Estrela Patrona de **Asteria** Deusa do medo, dos pesadelos e das trevas.

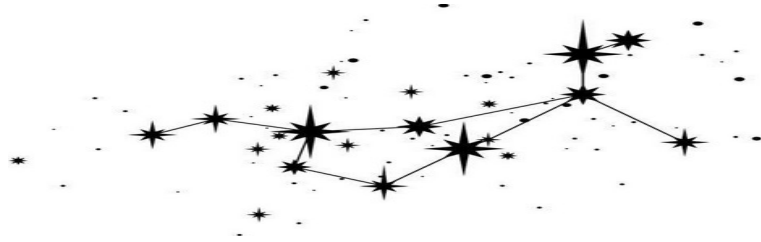
Outros nomes: '*a Deusa adormecida*'

'Mas qual coração não iria fugir?

Trair a lua como acólito

À primeira e feroz visão afirmativa

Da luz solar, luz solar, luz solar'



Prólogo

AS ESTRELAS ESTAVAM CAÇANDO A LUA.

Eles começaram quando ela incendiou o templo de Leone e enviou uma promessa e um aviso de que veria todos eles caírem.

Uma reunião foi convocada, dez estrelas comungando nos céus, suas constelações brilhando no céu.

Era uma vez treze, mas a Lua matou Gem, Ariete desapareceu desde que o corpo celeste acordou e Piscea... Piscea dormia, como fazia há séculos.

O panteão em que se reuniram estava suspenso nas nuvens, seu tom branco e o orbe que levava seu nome da Lua eram a única luz no céu negro. Iluminou dez tronos ocupados, cada um decorado elaboradamente com os símbolos e sigilos de cada Estrela.

A cabeceira da mesa permaneceu vazia.

“Precisamos fazer algo em relação à garota”, disse Verra severamente, seu cabelo acobreado roçando o chão, metade adornado com flores desabrochando, a outra metade com flores mortas, caídas e marrons, um fedor de mofo doentio emanando delas. O trono abaixo dela se retorcia em galhos cheios de folhas, meio verdes, meio podres. “Ela *matou* um de nós. E ela não está em lugar nenhum.”

Leone bufou, bebendo seu cálice de ambrosia, o trono dourado ao seu redor iluminando suas ondas loiras de cabelo. “Eu digo para deixá-la em paz por um tempo. Ela torna as coisas... interessantes. Uma façanha em nossa existência infinita e imortal. Quanto mal ela pode realmente causar, presa naquele corpo mortal?”

Aquaria lançou-lhe um olhar severo. “Você esquece que foi o seu templo que ela incendiou?” a deusa do infortúnio estalou. “Seu irmão ela quase matou?”

"Eh." Leon encolheu os ombros. "Incendiar meu templo só fez com que Helions me adorasse mais, e quanto a Ariete, bem... não posso dizer que sua personalidade oscilante à beira da insanidade fará falta esta noite."

"Tire sua cabeça dessa bunda egocêntrica por um momento, Leone," Scorpius rosnou. "Ela será a ruína de todos nós. Você deveria saber disso melhor do que ninguém. Ele trocou um olhar com Verra e Aquaria antes de sua mão apertar seu tridente, seus olhos verdes brilhando perigosamente. "O que você acha que ela faria se descobrisse o que tiramos dos titãs?"

Leone empalideceu um pouco, sua indiferença habitual desapareceu.

Aquaria assentiu com força. "Nós a caçamos e a matamos."

"E como você propõe que façamos isso quando não houve um sussurro dela desde que ela escureceu o céu? Temos espiões em todos os reinos e não houve um único relato sobre o paradeiro dela", disse Verra.

"É aquela maldita magia dela," Scorpius rosnou novamente. "Ilusões e sombras. A cadela é quase tão escorregadia quanto Eli."

O aperto de Eli em torno da haste de sua taça aumentou.

"Eu, por exemplo, senhorita Ariete", Sagitton disse arrastado.

"Claro que você faz. Vocês são uma combinação perfeita", Torra murmurou. "Tão depravados quanto um ao outro."

"Finalmente ela fala." Sagitton sorriu, com a cabeça mergulhada em uma taça de vinho. O deus da folia e da loucura estava sempre bêbado, mas hoje parecia nervoso, mais desagradável do que de costume.

Torra olhou para ele, um olhar de desprezo mal velado em seu rosto.

"Eu gostaria de ecoar os sentimentos de Scorpius," Capri falou lentamente. Seu cabelo loiro estava penteado para trás, um terno imaculado pressionado contra ele. "Se não matarmos a Lua e garantirmos que o Sol morra junto com ela, você acha que eles nos permitiriam continuar governando os céus? A guerra é o único resultado certo se não a encontrarmos."

Houve murmúrios ao redor da mesa enquanto as Estrelas concordavam. Eli revirou os olhos, chutando uma perna sobre a outra sobre a mesa. Ele brincou com o pequeno pingente de faca encostado em seu peito.

"Algo que você gostaria de compartilhar com o grupo, Eli?" Lias cantou, suas asas emplumadas se esticando atrás dele, brancas como a primeira neve.

"Qualquer coisa *que* você gostaria de fazer?" o eloquente respondeu. "Você sabe que ter que limpar sua bagunça está ficando bastante cansativo. Passei minha semana em Concordia consertando as mentes de mulheres e homens prontos para tirar suas vidas depois que você os encantou para que se apaixonassem por você, os fodeu e desapareceu sem dizer uma palavra. Eu sei que não nos importamos com os humanos, mas temos uma má reputação e os mortais vão se voltar contra nós, assim como nós nos voltamos contra os titãs. Somos tão poderosos quanto aqueles que acreditam em nós."

Lias, deus do amor, riu, colhendo uma videira de uvas da travessa à sua frente. Ele pegou um preguiçosamente com os dentes, mastigando enquanto sorria.

"Eu detecto ciúme? Você gostaria que eu pudesse usar meu charme em você?"

"Você tem um pau um pouco demais para ser meu tipo, Lias," Eli falou lentamente.

"Tediado." Lias sorriu. "E não posso deixar de ser irresistível. Não é como se eu pudesse simplesmente desligar meu charme. Mãe, certamente você pode atestar?"

Torra pressionou dois dedos nas têmporas, massageando-as. "Suficiente. Eli, parte do seu charme é conhecimento, sabedoria... Por favor, me diga o que você pensa sobre a situação. Você não tem nada a dizer? Não há como localizá-la? A garota matou seu irmão gêmeo.

Um olhar foi trocado entre os dois, mas as outras Estrelas não perceberam.

Eli suspirou alto, sentando-se. Elara fez bem ao limpar o mundo do mal que era sua irmã. E ele certamente não usou isso contra ela. Ele empurrou as mangas para trás, a cobra preta tatuada em seu braço se contorcendo, suas escamas prateadas brilhando ao luar. "A Lua nos fez um favor lá. Gem era uma cadela sádica, e não minha irmã por escolha, apenas sangue, infelizmente. Ela havia se tornado selvagem, incontrolável e tão imprevisível quanto Ariete."

Houve murmúrios desconfortáveis ao redor da mesa.

"Esteja Ariete aqui ou não, ele ainda é nosso rei", disse Cancia calmamente, finalmente quebrando o silêncio. A mesa inteira virou, uma onda de cabeças piedosas olhando para a deusa da dor e da penitência. Ela olhou cautelosamente para seu consorte, Scorpius, seu cabelo prateado brilhando suavemente.

"Esqueci que você estava aqui por um minuto", zombou Capri, esfregando duas moedas de midan entre o polegar e o indicador. "Olha, aposto que a menina vai morrer em uma semana. Moon ou não, ela não se lembra de sua antiga vida, nem de seus poderes ou de como controlá-

los. Ele riu baixinho, jogando uma moeda sobre a mesa. “Uma midan diz que acidentalmente se matará com sua própria magia antes que qualquer um de nós possa colocar as mãos nela.”

As estrelas riram.

“E o que dizer do Sol?” Cancia perguntou, sua voz suave. A mesa inteira se acalmou, deuses e deusas congelados enquanto um pequeno brilho de medo brilhava em seus olhos.

“Cancia,” Scorpius rosnou em advertência.

“Ele está morto, não está?” Sagitton interrompeu.

“Não, seu idiota. Ele está suspenso entre a vida e a morte. Nos sonhos, graças a ela”, respondeu Verra.

“E Ariete roubou sua ligação a este reino. Ou foi o que ele me contou pouco antes de desaparecer — acrescentou Eli.

Capri riu disso. “Outro midan diz que o Sol morre antes do final do mês, em dor e miséria sem fim. Se ele estiver perdido nas terras dos sonhos, ele não terá chance.” O deus da ganância e dos comerciantes jogou sua moeda sobre a mesa.

Uma mão se estendeu, pegando-o no ar antes que tocasse a superfície. Os olhos de Eli estavam quase pretos, sua cabeça balançando lentamente enquanto ele se elevava sobre as outras Estrelas.

“Vocês são todos tolos”, ele disse calmamente. “Você pode achar o Sol mais temível, mais perigoso. Você pode se contentar com a ideia de que ele está preso, pois isso faz com que você durma mais facilmente, não tendo que pensar no fogo do inferno e na luz ofuscante que ele reinaria sobre você se estivesse vivo. Você pode se contentar em deixar *Elara* fazer suas ameaças, contente em vê-la como uma titã que viveu uma vida mortal tola, ignorando o quão poderosa ela é, exatamente *quem* ela é. Eu a conheci. Falei com ela. Ela pode não se lembrar de suas vidas passadas, mas é um acerto de contas. E ouvi o grito que saiu dela quando Lorenzo foi tirado dela, um grito que chegou até Castor. Ela apagou todas as luzes de Celestia, pelo amor de Deus.

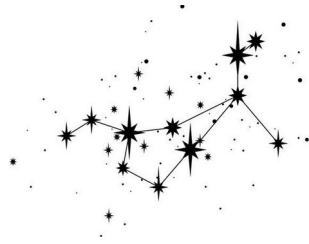
Ele respirou fundo, acalmando a raiva que crescia em seu peito. “Você esqueceu um detalhe importante em sua arrogância.”

Ele virou o midan na mão, olhando para ele.

“Um de nós tirou o Sol da Lua. Pegamos a esperança da rainha das trevas, sua única qualidade redentora – a lembrança orientadora de que ela não é só sombra.”

Ele colocou a moeda cuidadosamente no centro da mesa.

“A luz de Elara se foi. Ela não tem nada para salvá-la. Nada para segurá-la. Não é a ele que devemos temer. É ela.”



PARTE UM

Capítulo um

“EU A ENCONTREI”, MURMUROU ISRA , lançando um longo olhar para o prédio à frente deles. Merissa caminhou pela rua de pedras escorregadias até ela, cheia de agitação.

"De novo?" Merissa sibilou. Esta foi a quarta noite consecutiva.

Isra encolheu os ombros, girando o pescoço enquanto olhava para a placa na frente deles.

“ *Os Opiáceos de Morfeu* ” , as letras gastas e curvas escritas, a placa balançando suavemente no ar da noite castoriana. Uma chuva fina caía, tamborilando nas pedras do beco escuro.

"Você está surpreso?" Isra falou lentamente, indo em direção à porta. Ela colocou o capuz de sua capa fina sobre o cabelo agora solto – uma nuvem de cachos pretos com fios dourados. O capuz caiu o suficiente para que ela não fosse reconhecida como o braço direito da nova rainha regente de Helios. Um título *temporário* , como Elara sempre os lembrava. Ela nem tinha sido oficialmente coroada. Tudo o que ela tinha era a coroa que Enzo lhe dera.

Merissa a seguiu, levantando seu próprio capuz cinza-pomba para esconder uma onda de cachos cor de mel quando eles entraram.

A toca era um buraco de merda. Meio covil nebuloso, meio bordel, os sons de prazer e batidas nas cabeceiras da cama permeando os gemidos dos viciados que ladeavam o corredor

estreito em seu estupor. Merissa não suportava aquele lugar. Era tudo o que ela passou a detestar, amontoado em um casebre.

“Que sinfonia”, disse Isra. “Sempre um prazer.” Ela jogou uma moeda de ouro no ar para a senhora da toca, cujos olhos se arregalaram enquanto ela a segurava. As moedas que Isra lhe atirava todas as noites eram provavelmente mais do que a pobre mulher tinha visto na sua vida.

Merissa evitou um corpo cautelosamente enquanto eles se espremiavam pelo corredor, olhando para os quartos por onde passavam e para as camas baixas e sujas cheias de corpos. Uma fumaça doce e perfumada os envolvia, lanternas com chamas crepitantes iluminavam vagamente o caminho. Merissa murmurou uma maldição suja em voz baixa.

“*Merissa* .” Isra se virou. “Eu não pensei você *conhecia* essas palavras.

“Bem, este lugar vai tirar isso de você”, Merissa suspirou, estremeando ao passar por um corpo sujo. Havia uma sala nos fundos, mais escura que as outras. Escuro e pulsante, como se estivesse mantendo as pessoas afastadas de propósito.

“Arriscar um palpite sobre quem está lá?”

“Nossa amada Lua, por acaso?” Merissa murmurou enquanto eles se aproximavam, olhando na escuridão para a figura negra, que estava esparramada em uma cama surrada. Tinha o capuz levantado e o cabelo dela estava derramando como tinta.

Elara estava morta para o mundo, um narguilé cheio de hipnose ao lado da cama baixa.

Isra deu um suspiro antes de pegar o copo d’água na mesinha baixa ao lado da cama. Depois, com um sorriso brilhante, ela despejou o conteúdo no rosto de Elara.

A deusa acordou ofegante, sacudindo-se na cama enquanto cuspiu água.

“Pelo amor das estrelas”, ela gritou, tossindo. “Isra, o que eu te disse sobre fazer isso?”

“Você está uma merda”, disse Isra como resposta, puxando-a para cima. Era verdade. Sombras negras se acumularam sob os olhos de Elara, seu rosto pálido e encovado.

“Mesmo eu pouco pude fazer para aumentar o glamour”, acrescentou Merissa, tentando amenizar a situação. Elara cerrou os dentes, tentando se levantar, mas cambaleando.

“Se eu quisesse sua opinião, eu pediria,” ela balbuciou, afundando de volta na cama.

“Que pena, Alteza. Você me nomeou para *dar* minha opinião, lembra? Isra piscou os olhos docemente.

“Precisamos trazer você de volta antes que alguém neste buraco perceba que o herdeiro do trono Asteriano, ou melhor ainda, um *titã*, está desmaiado em um antro de opiáceos”, acrescentou Merissa.

Cada uma das duas mulheres segurou o braço enquanto Elara sibilava. “Saia de cima de mim. Estou bem.”

"Claramente. O estabelecimento que você escolheu para reclinar *grita* bem.

Elara revirou os olhos para Isra, caindo quando Merissa a puxou para cima.

“E não pense que não terminaremos esta conversa quando voltarmos para a pousada”, acrescentou a vidente.

Merissa jogou uma capa embrulhada para Elara, de um marrom desbotado, e, com um suspiro, ela a vestiu enquanto a expulsavam do lugar. Uma pontada de tristeza atingiu o coração de Merissa. Onde estava a princesa que ela conheceu, aquela com luta e coragem? Essa Elara... Ela era uma sombra.

Com um piscar de olhos, Elara atraiu aquelas mesmas sombras para eles, mantendo-as discretas enquanto se espremiavam pelo covil lotado em direção ao ar Castoriano. Agora estava apenas chuviscando levemente.

'Já mencionei antes o quanto odeio este reino?' Isra gemeu, puxando a capa com mais força. 'Sinto falta da Luz. Desculpe, *Sol*.' Ela sorriu.

— Isra — advertiu Merissa, com o coração batendo forte ao mesmo tempo em que Elara parou.

“Isso não é engraçado”, Elara disse calmamente.

Isra encolheu os ombros. “Se não rirmos, vamos chorar”, disse ela, passando um dos braços de Elara em volta de seu ombro. “E se você quiser falar sobre o que *não é* engraçado, talvez fugir para antros de hipnose decadentes para fumar até o esquecimento seja um começo.”

“Posso fazer o que quiser.”

Foi Merissa quem parou, o temperamento que ela tão raramente demonstrava aumentando. “Você pode ser uma deusa todo-poderosa agora ou *um titã* ou como quiser se chamar, mas isso não lhe dá permissão para 'fazer o que quiser'. Você deveria liderar dois reinos e também nos ajudar, a quem você arrastou consigo para procurar Ariete ou a corda que ele roubou de Enzo.

Elara apertou o nariz. “Não quero falar sobre isso agora. Quero dormir.”

“Claro que sim”, Isra murmurou, abrindo a porta rangente da pousada onde estavam hospedados.

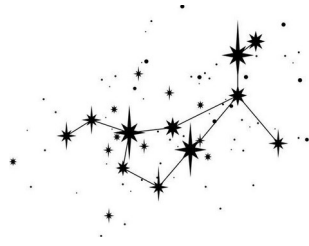
Elara apenas permaneceu em silêncio enquanto as outras mulheres a flanqueavam, deixando-a apoiar-se nelas enquanto subiam silenciosamente para seus quartos. Quando chegaram à casa de Elara, Merissa virou-se para ela, segurando-lhe a mão enluvada. Elara estremeceu como se tivesse sido atingida.

“O que você acha que Enzo diria se soubesse qual é o seu novo passatempo favorito?” ela perguntou suavemente. Ela esperava que a pergunta chegasse até Elara.

“Tenho certeza de que ele não reclamaria, já que é a única coisa que me mantém perto dele”, Elara sussurrou de volta.

Merissa lançou-lhe um olhar demorado quando ambas ouviram a mentira. “El, vamos recuperá-lo”, disse ela gentilmente enquanto Isra acenava com a cabeça ao lado dela. “Mas agora você precisa descansar.”

Os olhos de Elara estavam vazios quando ela olhou para os dois e respondeu. “Metade da minha alma se foi. Não há descanso para mim.”



Capítulo dois

ELARA ENTROU EM SEU QUARTO , as tábuas do piso rangendo. Ela fechou a porta suavemente atrás de si, olhando para sua sombra estendida na parede.

“Olá,” ela murmurou para ele.

Elara não sentiu conforto, mas sua sombra foi a coisa mais próxima disso quando sua alma foi rasgada em duas. Depois da noite na terra dos seus sonhos, ela sentiu a presença dele ali, uma extensão dela, que ficou sentada com ela enquanto ela soluçava até que as lágrimas acabassem. Isso permaneceu com ela nas noites em que ela esteve fisicamente doente e com dor no coração.

Ela não permitiu que ninguém mais visse sua dor. Não Isra, Merissa ou Leo.

Quando Elara mencionou pela primeira vez que sua sombra parecia uma entidade viva, Merissa dissera que devia ter sido um presente de cima de Sofia, um guardião para cuidar dela.

Mas Elara sabia melhor. A fortuna não trabalhou a seu favor assim, e nenhum espírito benevolente cuidava dela. Ela caminhou a maior parte de sua vida sozinha. Sua sombra era apenas uma parte dela, a única coisa que nunca a abandonaria.

Ela afundou no colchão caído, tirando as luvas de renda preta. A luz da lua entrava pela janela e ela levou um segundo, como sempre, para observá-la. Ela ainda estava se acostumando com o fato de que agora era uma deusa. Ao ver seu reflexo no céu, a lua é uma lembrança constante da presença que deveria estar ao seu lado lá em cima. Mas aquela magia prateada inútil que só havia despertado duas vezes não estava em lugar nenhum agora. Ela não conseguia sentir nem um tremor. E então, com uma careta, ela fechou as cortinas.

Ela se deitou, ignorando o cheiro de mofo e flores muito doces enquanto fechava os olhos.

Lá estava ele, aquele nada sem fim.

Pesar não era mais uma palavra que Elara pudesse usar para descrever o que sentia. Este era um vazio absoluto. Não foi a dor intensa de perder Sofia ou mesmo o pânico desesperador de perder os pais. Isto era simplesmente... escuridão.

Sem luz. Sem vida.

Ela não chorava desde a noite em que a corrente de Enzo foi arrancada dele. Em vez disso, ela pediu à sua sombra que aliviasse sua dor, sabendo que seria demais para ela suportar. E

aconteceu. Ele havia bebido e bebido dela, ajudando-a a reprimir tudo até que tudo o que restasse fosse a vingança.

Mas, por enquanto, ela estava aqui sem distração, acordada e respirando, e aquela sensação de estar viva, de ar passando por sua boca e nariz, desencadeou o lamento desesperado e profundo dentro dela que ela tanto tentou enterrar.

Ela sentiu o objeto pressionado em sua coxa saindo do bolso, mas tentou ignorá-lo. Ela tentou não usá-lo, sabendo que era pura tortura. Ela durou um minuto antes de enfiar a mão no bolso com as mãos trêmulas e tirar dele uma caixa de fósforos, roubada do antro de hipnose.

Seus dedos estavam frios quando ela abriu a caixa e tirou um fósforo. As lágrimas já ameaçavam cair, sua garganta apertava com elas. As memórias estavam começando a se aglomerar ao seu redor, bicando e gritando. Ela não permitiria que essas lágrimas caíssem; ela os proibiu. Ela fechou os olhos com força enquanto se atrapalhava com o fósforo, batendo-o na caixa.

Uma vez.

O som de seu grito quando Ariete enfiou uma espada no peito de Enzo.

Sua mão tremia.

Duas vezes.

O sangue de sua alma gêmea, manchando suas mãos.

O fósforo não iria acontecer.

Três vezes.

A garganta de Sofia, cortada como uma fita.

Um soluço seco e desesperado escapou dela.

Quatro – uma chama brilhou no fósforo, iluminando fracamente a sala.

Ela exalou de alívio, abrindo os olhos enquanto a chama queimava um pouco mais forte. Ela levou um dedo hesitante ao fósforo, sentindo o calor que irradiava dele. Seu dedo pairou perto da borda da chama. Então, com um suspiro, ela fechou os olhos.



Ela estava no estúdio de Enzo, a Luz fluindo pelas grandes janelas.

“Aqui,” uma voz murmurou atrás dela, e ela imediatamente se derreteu, a dor se dissipando de seu corpo. “Eu trouxe para você o seu favorito.”

Elara se virou, sorrindo, enquanto Enzo lhe entregava uma xícara de chá de menta. “Obrigada,” ela suspirou, afundando em seus braços. Ele acariciou seus cabelos, cantando a canção de ninar enquanto ela bebia.

“Eu te amo”, ele disse em seu pescoço.

Ela se virou, radiante enquanto puxava o rosto dele para o dela. “Eu te amo mais,” ela sussurrou, pressionando seus lábios nos dele. O fogo queimou com seu toque, aquecendo-a, seus lábios queimando enquanto calor e luz emanavam dele. Mas a chama estava ficando muito quente, muito quente e...

Os olhos de Elara se abriram, o fósforo a centímetros de seus lábios, apagado.

Ela estava gelada. O único calor era uma leve dor em seu lábio pela proximidade da chama.

Ela levou a palma da mão ao rosto, enxugando as lágrimas fantasmas e, em seguida, concentrando-se, acendeu outro fósforo.



— Você é meu lar — sussurrou Enzo contra os lábios de Elara enquanto se empurrava para dentro dela, seus dois corpos se fundindo como magia. “Casa, casa, casa”, sua voz ecoou.

“Você é metade da minha alma”, ela respondeu, beijando-o profundamente. Sua magia brilhou ao redor deles enquanto ele se movia dentro dela, e a luz era tão linda, tão brilhante que a consumiu, cada vez mais brilhante e muito brilhante... muito brilhante, muito brilhante.

Ela engasgou, os olhos se abrindo novamente quando outro fósforo se apagou, beliscando as pontas dos dedos com a queimadura.

Repetidas vezes ela pegou os fósforos, uma mulher furiosa enquanto raspava cada um deles, sentia o fósforo brilhar e fechava os olhos.

Porque ela tinha que fingir que o calor dele estava perto dela, a luz dele. Ela não poderia ficar sozinha nesta escuridão. E foi aqui que ele a deixou. Na noite fria.

Ela odiava Ariete, odiava-o com todos os ossos do seu ser, porque ele tinha tomado a escuridão que ela tanto amava e transformado-a num inferno.

Ela não encontrava mais conforto nisso. Tudo o que ela lembrava era a ausência de luz em sua vida – a ausência de Enzo.

Ela voou entre os fósforos, com as mãos tremendo enquanto sua respiração ficava cada vez mais rápida.

“Não me deixe ainda,” ela sussurrou para a chama. "Fique um pouco mais."

Sua boca começou a ficar seca com o passar das horas, seu corpo se livrando do hipnom e desesperado por mais. Seu sangue implorava por isso, os olhos doendo.

Ela tentou dormir por vontade própria, na primeira noite depois que Enzo foi tirado dela. Ela esperava e desejava poder encontrá-lo em seus sonhos se o fizesse.

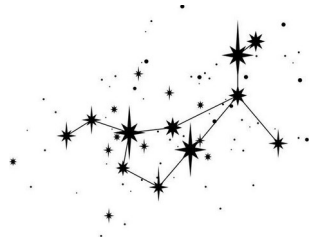
Mas o sono a escapou. Porque fechar os olhos, naquela escuridão... Tudo o que fez foi trazer de volta os flashes da morte dele, da morte de Sofia, da morte dos pais dela.

E permaneceu escondido dela na noite seguinte, quando ela foi forçada a deixar Enzo dormindo, com Leo mantendo seu corpo protegido, enquanto ela viajava por Helios até um intermediário que a levaria até Castor.

E na noite seguinte, até ela se tornar um fantasma, o peso se desprendendo dela, a cor desaparecendo de sua pele, buracos crescendo à medida que noite após noite ela ficava acordada. Fantasmas surgiriam pelo canto do olho, espectros e alucinações aparecendo diante dela por falta de sono.

Até uma noite abençoada em Castor na semana passada, quando ela tropeçou em um antro de hipnose e finalmente conseguiu descansar. Para finalmente, finalmente, ver sua alma gêmea.

Assim, durante o dia, a jovem rainha recebia seu hipnom, e à noite ela recebia seus palitos de fósforo. O mundo pode tê-la considerado fraca; seus amigos podem tê-la olhado com pena, mas por enquanto... para Elara, isso teria que servir. Simplesmente teria que servir.



Capítulo três

ELARA SABIA INSTINTIVAMENTE QUANDO ERA manhã. Claro, o céu estava escuro como breu, desde que ela o manchou com sombras por tirar Enzo dela. Mas ela sabia que era hora de se levantar. Ela passou a noite toda sentada com seus fósforos até que o lampião acendeu os postes abaixo de sua janela e o dia começou.

Ela se levantou silenciosamente, colocando um vestido preto descartado que pendia muito frouxo em seu corpo. Ela saiu do quarto, lançando um olhar para o quarto de Merissa e Isra, com a porta firmemente fechada, e uma pontada de culpa passou por ela. Ela tinha sido uma péssima amiga para eles; ela sabia disso. Perdida em sua própria dor, negligenciando-os. Mas era muito difícil deixá-los tocá-la, deixá-los *amá-* la. Não sem Enzo. Ela não podia.

Ela desceu os degraus, exausta, olhando para um dos pequenos espelhos pendurados na pousada em ruínas.

Um espectro. Era assim que ela parecia. Pele pálida, rosto encovado. Sombras roxas como hematomas se espalharam ao redor de seus olhos – um efeito colateral do hipnom, e ela suspirou. Deixa para lá. Enzo não a veria assim.

Uma vibração começou em seu sangue enquanto ela atravessava as ruas de Castor. Vieras de paralelepípedos a cumprimentaram e uma forte poluição atmosférica pairava no ar, mesmo na escuridão total. O reino era um turbilhão de atividade e barulho, carruagens trovejando, vendedores ambulantes gritando.

Há duas semanas que Elara, Isra e Merissa já estavam em Castor. Foi a melhor aposta deles encontrar uma maneira de salvar Enzo. Um reino de engenhosidade, as maiores mentes do continente, todas vivendo, respirando e inventando aqui. Mas, tal como os gêmeos que eram as estrelas patronas do lugar – um dos quais Elara tinha matado – era uma faca de dois gumes. Tanto um terreno fértil para ladrões e trapaceiros, bandidos cruéis em cada esquina, quanto um paraíso, a aristocracia reclinada em suas torres metálicas retorcidas de vidro soprado que alcançavam as nuvens.

Duas semanas tentando caçar Eli, a única Estrela, exceto Terra, que não mataria ela e seus amigos assim que a visse. E se alguém soubesse como acordar Enzo ou encontrar Ariete, seria

um deus do conhecimento. No entanto, sem sorte, nem um sussurro dele residindo no reino que o adorava.

Ela se esquivou de uma carruagem, o motorista xingando-a enquanto cascos passavam tropejando, antes de cruzar para The Remains.

Os Restos Mortais eram uma área de Castor da qual alguém como Elara deveria ter ficado bem longe. Era a parte mais pobre e perigosa da cidade. Ela percebeu há alguns dias que precisava de sua inteligência e de seus pesadelos em um lugar como este.

E ainda assim ela precisava de hipnom. Podia sentir seu sangue implorando por isso, pelo primeiro ponto de esperança que ela teve em duas semanas. Sua cabeça estava realmente latejando agora enquanto ela apertava os olhos, virando em um beco para Remus Lane.

E lá. Doce alívio. Ela soltou um suspiro quando 'Os Opiáceos de Morfeu' apareceram, o prédio mais silencioso agora do que na noite anterior.

Com menos de um pensamento, ela teceu uma ilusão ao seu redor, passando pela porta como um fantasma, invisível para a senhora do lugar.

Ela deslizou para o banco de trás, a cama mais distante dos viciados esparramada ao longo das paredes.

E com uma respiração instável, ela afundou, deitando-se de costas.

Sim. Duas longas semanas haviam se passado, as últimas passadas tropeçando em antros de hipnose durante o dia sempre que podia, a fumaça nebulosa forçando-a a dormir e proporcionando sua doce fuga, enquanto suas noites eram cheias de fósforos e sombras.

Ela manteve a culpa trancada em uma caixa bem no fundo. Elara sabia o que deveria fazer, o que se esperava dela e com que urgência precisavam encontrar uma cura para acordar Enzo. Que cada momento deveria ser gasto destruindo Castor para encontrar Eli e buscar as respostas de que precisavam.

Mas cada momento acordado era um lampejo de pesadelos. Ela piscaria e veria a espada de Ariete abrir o estômago de Enzo, ouviria seu grito quando ele caísse, sentiria seu desespero quando ele lhe desse seu poder. Ela vislumbrava olhos cinzentos enquanto caminhava pela rua e via Sofia, seu olhar desafiador enquanto sua garganta era cortada de orelha a orelha.

Outras vezes, ela viu seus pais proferirem as palavras “correr” em seu último suspiro enquanto eram massacrados, e quando nenhuma dessas lembranças a atormentava, era a imagem

de uma lâmina cravada em seu próprio coração e o olhar de determinação no vestido verde de Merissa. olhos como ela havia feito.

Elara não teve escolha senão fugir de tudo.

Sua mão envolveu o cachimbo ao lado dela, o doce aroma de lavanda de Hypnom já penetrando em sua pele. Ela levou o cachimbo aos lábios, dando uma tragada profunda enquanto revirava os olhos.

Deuses.

Foi tão bom. A maneira como seu corpo começou a ficar pesado, como seu coração começou a entorpecer. Calor – ela podia sentir o calor em seu corpo gelado, viajando das pontas dos dedos dos pés até a coroa.

Não há outra opção , ela lembrou a si mesma. *Não há outra maneira de lidar com isso* . Seu único consolo eram seus sonhos, agora abrigando Enzo neles. Ela pode estar vivendo um pesadelo durante seus dias, mas seus sonhos eram onde ela poderia estar em paz com ele.

As pálpebras de Elara começaram a ficar pesadas à medida que o peso em seus ombros a arrastava para baixo, e ela deu um leve suspiro de alívio, permitindo que isso a puxasse para seus sonhos.



Seus sonhos eram como um mundo próprio. Ali, à sua frente enquanto sua alma vagava na escuridão, havia uma porta ornamentada, de um azul escuro e brilhando com algo mais belo que a luz das estrelas. Gravada no centro havia uma lua crescente, um sol radiante entrelaçado com ela, prata e ouro.

Ela alcançou, como fizera em todos os sonhos daquela semana, o símbolo, passando o dedo sobre a bela gravura.

E ao seu toque, a porta se abriu, revelando um paraíso além.

Elara criou a porta no momento em que conseguiu dormir novamente, usando aquela sua curiosa magia de sonho para mudar a arquitetura de seu espaço. Um lugar seguro onde ninguém poderia entrar e roubar a alma de seu amor.

Ao entrar no silêncio, ela olhou para o pequeno caminho que havia criado, serpenteando diante dela.

Ela havia espelhado isso em um de seus lugares favoritos, uma floresta isolada que ficava nos fundos de seu palácio em Asteria. Esta floresta tinha sido o consolo de Elara, um lugar para onde ela frequentemente escapava pela janela e para onde escapava quando precisava de liberdade.

O caminho estava iluminado por purpurinas — pelo menos, imaginárias — e o céu tinha um tom profundo de pervinca.

Ela suspirou enquanto virava a esquina, mergulhando em um denso abeto de árvores. Seus troncos violetas retorcidos, lanternas penduradas entre os galhos e, finalmente, dentro de uma clareira, havia uma pequena cabana. Seus olhos estavam sombrios enquanto ela olhava para sua paisagem onírica. Ela tentou torná-lo o mais confortável possível, já que agora tinha um convidado. Originalmente, ela refletia o estúdio de Enzo, o lugar onde eles finalmente declararam seu amor e depois fizeram amor entre sua arte.

Mas parecia um lembrete cruel, especialmente depois de terem tentado reconstituir aqueles momentos de paixão na primeira noite em que Elara voltou a sonhar. Um sonho era apenas um sonho, o toque era intangível e, frustrantemente, Elara só acordava ofegante e desejando. Ela não tinha ideia de como Enzo estava lidando com a situação e então mudou para um lugar que eles nunca haviam visitado juntos.

Ao ver quem estava esparramado na grama em frente a ela, já sorrindo para ela, seu coração doeu.

"Olá, belezura."

Enzo parecia o mesmo de quando Elara o deixou em Helios, cada uma de suas feições esculpidas com perfeição como uma estrela, o que ela supunha que ele fosse.

"Olá, meu amor", ela respondeu. Ela correu em direção a ele, a preocupação em seu peito desaparecendo a cada passo que ela dava para mais perto dele. Ao roçar os lábios nos dele, ela sentiu o ar familiar e intangível que conhecera na última semana. Ela engoliu em seco, tentando afastar sua frustração.

"Eu poderia jurar que você estava aqui há apenas algumas horas," ele murmurou em seu cabelo, seu toque como uma teia de aranha.

“Eu já te contei antes, lembra?” ela respondeu brilhantemente, virando-se para que ele não pudesse ver as lágrimas que cobriam seus olhos. “O tempo funciona de maneira diferente nos sonhos.”

Enzo enrijeceu e ela olhou para ele, para seus olhos dourados, agora ardendo.

“Você me acha um tolo, Elara?”

A náusea tomou conta dela, da cabeça aos pés.

“O quê?” ela gaguejou.

“Você é metade da minha alma. Você acha que não consigo sentir quando você está mentindo para mim?”

Elara deu um passo para trás. "Eu não sou-"

“ Não insulte nossa ligação espiritual assim, El. Eu conheço você melhor do que eu mesmo. E tentei lhe dar uma chance, nessas últimas noites, para ser honesto.

Os sonhos de Elara pareciam estar se aproximando dela, a paisagem onírica diminuindo ao seu redor.

“Enzo, eu—”

“Eu posso ver através da sua ilusão. O roxo sob seus olhos. Você tem usado hipnom, não é?”

Elara deu outro passo para trás, mas Enzo fechou o espaço facilmente. Ele enfiou o dedo sob o queixo dela, o toque tão leve quanto uma pena enquanto ele inclinava a cabeça dela para encontrar a dele.

“Elara,” ele disse mais gentilmente. "Apenas me diga a verdade."

“Sim,” ela sussurrou, fechando os olhos, incapaz de aguentar mais um momento de seu olhar em busca da verdade. “Sim, eu tenho, certo? É a única maneira que consegui dormir.”

“E encontrar uma maneira de me acordar? Quando você teve tempo para fazer isso?”

Ela fechou os olhos ainda mais, balançando a cabeça.

“Eu-eu não. Eu tentei, na primeira semana aqui. Eu ouvia nos pubs, nos mercados, tentando ouvir alguma pista sobre onde Eli poderia estar. Mas continuei vendo sua morte. Eu continuava sentindo uma dor total, e eu simplesmente... eu não conseguia...” Ela estava ofegante agora, tentando sugar o ar para os pulmões.

“El-”

“Não,” ela sussurrou. “Não tenha pena de mim. Eu não mereço isso.” Ela piscou, olhando fixamente para o bosque de árvores. Ela ouviu Enzo amaldiçoar e ainda não encontrou seu olhar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Fallen Stars (The Heavenly Bodies Seri..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).